



## Desvendando Barreiras: A Interseccionalidade e a Inclusão de Mulheres com Corpos Dissidentes na Matemática

### Unveiling Barriers: Intersectionality and the Inclusion of Women with Dissident Bodies in Mathematics

Jéssica Luna<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo investigou a aplicação da interseccionalidade na Educação Matemática, explorando as experiências das licenciandas em Matemática Lueji e Luma. O objetivo incluiu analisar de forma abrangente as disparidades persistentes que mulheres com corpos dissidentes enfrentam ao buscar inclusão nos ambientes de ensino-aprendizagem de Matemática. A abordagem metodológica foi qualitativa, utilizando entrevistas para coletar dados sobre as vivências das participantes a fim de construir narrativas. Fundamentado na teoria Interseccional, o estudo revelou como identidades múltiplas afetam profundamente as jornadas educacionais de Lueji e Luma. Os resultados destacam a necessidade urgente de currículos mais inclusivos e práticas pedagógicas no ensino de Matemática que sejam sensíveis à diversidade.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade. Ensino de Matemática. Mulheres Plurais. Diversidade.

**Abstract:** This study explored the application of intersectionality in mathematics education, focusing on the experiences of two Mathematics undergraduates, Lueji and Luma. The objective was to analyze the persistent disparities faced by women with dissident bodies in seeking inclusion within mathematics education. A qualitative methodological approach was employed, using interviews to gather data on the participants' experiences. Grounded in intersectional theory, the study revealed how multiple intersecting identities significantly impact Lueji's and Luma's educational journeys. The findings underscore the pressing need for more inclusive curricula and pedagogical practices that are attuned to and sensitive to diversity in the field of mathematics education.

**Keywords:** Intersectionality. Mathematics Education. Plural Women. Diversity.

## 1 Introdução

Neste estudo, exploramos as complexas barreiras enfrentadas por mulheres com corpos dissidentes na busca por inclusão na disciplina da matemática. Ao desvelar essas barreiras, concentramo-nos na interseccionalidade como uma lente crucial para compreender as múltiplas formas de discriminação que permeiam suas experiências educacionais e profissionais. Ao adotar essa abordagem interseccional, buscamos destacar como questões de gênero, raça, identidade de gênero e outras formas de marginalização se entrelaçam para criar desafios únicos para essas mulheres no campo da matemática. Este estudo visa não apenas identificar essas barreiras, mas também propor caminhos para uma Educação Matemática mais inclusiva e equitativa, que reconheça e valorize a diversidade de corpos, identidades e experiências.

Embora tenha havido avanços significativos nas taxas de matrícula nas áreas das exatas de meninas e mulheres em variados níveis de ensino ao longo das últimas décadas, persistem disparidades entre regiões e países, assim como entre diferentes grupos dentro de uma mesma nação. Tais disparidades estão enraizadas em obstáculos sociais e individuais, que abrangem desde responsabilidades domésticas e de cuidado até questões relacionadas à segurança na

<sup>1</sup> Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias • Rio de Janeiro, Rio de Janeiro — Brasil • ✉ [jessicamluna@gmail.com](mailto:jessicamluna@gmail.com) • ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8091-9209>



circulação para a escola e violência escolar (Unesco, 2018).

Assim, entendemos que a discussão sobre a inclusão de mulheres na matemática não pode ser dissociada do debate mais amplo sobre a interseccionalidade, que reconhece as interações complexas entre diferentes formas de opressão, como gênero, raça, classe social, orientação sexual e outras dimensões identitárias. Mulheres com corpos dissidentes enfrentam desafios adicionais decorrentes da intersecção dessas diversas formas de marginalização.

É fundamental reconhecer que essas disparidades não são uniformes e afetam grupos específicos de maneiras distintas. Por exemplo, em muitos contextos, meninas de comunidades rurais ou de minorias étnicas enfrentam barreiras únicas de acesso à educação, incluindo falta de infraestrutura escolar adequada e normas culturais restritivas. Da mesma forma, mulheres com deficiência frequentemente enfrentam desafios adicionais devido à falta de acessibilidade física e atitudinal nas instituições educacionais. Essa diversidade de experiências ressalta a necessidade de políticas e programas que abordem as disparidades de forma holística e sensível ao contexto.

Mulheres negras muitas vezes enfrentam uma interseção de discriminação de gênero e raça, o que pode resultar em obstáculos significativos para a educação. Elas podem ser submetidas a estereótipos e preconceitos que afetam sua autoestima e desempenho acadêmico. Além disso, a falta de representação de pessoas negras na educação formal pode limitar seus modelos de identificação e oportunidades de mentoria. Questões socioeconômicas também desempenham um papel importante com mulheres negras enfrentando desafios adicionais devido à pobreza e à falta de acesso a recursos educacionais.

Já as mulheres trans enfrentam múltiplas formas de marginalização devido à interseção de identidade de gênero e, muitas vezes, orientação sexual. Elas frequentemente enfrentam discriminação, bullying e violência nas escolas, o que pode levar a altas taxas de abandono escolar. Além disso, as políticas escolares muitas vezes não abordam adequadamente suas necessidades específicas, como acesso a banheiros e vestiários de acordo com sua identidade de gênero. A falta de apoio familiar e comunitário também pode aumentar sua vulnerabilidade e dificultar sua participação plena na educação.

Ao trazer à tona a interseccionalidade, desafiamos as narrativas simplistas sobre gênero na Educação Matemática e destacamos a necessidade de abordar as múltiplas camadas de opressão que afetam as experiências de mulheres e meninas na área. A pesquisa feminista interseccional oferece uma lente crítica poderosa para analisar como as estruturas de poder e privilégio operam nos contextos educacionais e como podemos trabalhar para tornar esses espaços mais inclusivos e equitativos” (OLENSEN, 2006).

Nesse trabalho, nosso objetivo do estudo é analisar de forma abrangente as disparidades persistentes que mulheres com corpos dissidentes enfrentam ao buscar inclusão na disciplina da matemática. Adotamos uma abordagem interseccional como uma ferramenta analítica fundamental para debater os percursos formativos de duas licenciandas em Matemática, explorando como suas identidades de gênero se entrelaçam com outras dimensões de suas experiências sociais, pessoais e políticas. As duas participantes foram selecionadas com base em recomendações de pessoas do nosso círculo social, que as identificaram como estudantes de licenciatura em Matemática com perspectivas ou histórias que poderiam contribuir para esta pesquisa. Solicitamos a nossos colegas que nos indicassem "licenciandas na segunda metade do curso que se identifiquem como mulheres feministas." Ao fazê-lo, esperamos contribuir para uma compreensão mais abrangente das complexidades envolvidas na inclusão de mulheres com corpos dissidentes na matemática e na educação em geral.



## 2 Mulheres Plurais em todas as partes.

A pesquisa sobre a presença das mulheres na Matemática tem alimentado discussões sobre as razões por trás da marginalização delas em contextos acadêmicos. Estudos como o de Jenny Boucard e Isabelle Lémonon (2018) exploram normas institucionais e histórias individuais para compreender como as mulheres foram historicamente excluídas desse campo. Essas pesquisas destacam a necessidade de reflexão sobre a importância da inclusão de mulheres tanto no ensino quanto na pesquisa em Matemática. Além disso, Suzanne Damarin (2008) enfatiza a importância dos estudos feministas para contextualizar a presença das mulheres na Matemática e critica a falta de clareza sobre a relação entre matemática, cultura e feminismo. Damarin também observa que estereótipos de gênero moldam a percepção das mulheres na área, influenciando sua participação e ascensão profissional.

Outros estudos, como o de Renata Rosenthal (2018), revelam que estereótipos de gênero afetam a escolha e a permanência das mulheres nas carreiras científicas, enquanto pesquisas de Maria Celeste Reis de Souza e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca (2008) destacam as disparidades nas habilidades matemáticas cotidianas entre homens e mulheres, reforçando estereótipos prejudiciais. As pesquisas mostram que a Matemática continua sendo percebida como um espaço masculino, apesar dos esforços para promover a inclusão e a igualdade de gênero.

Diante da ausência de um espaço para as mulheres na Matemática, surgem questões sobre relações de poder e padronização dos registros matemáticos. Maria Celeste Reis Fernandes de Souza e Maria da Conceição Ferreira Reis da Fonseca (2008) discutem os discursos produzidos para atender ao perfil hegemônico no ensino de Matemática, caracterizado por um "culto à abstração". Elas destacam como esses discursos contribuem para a construção de relações de gênero por meio de mecanismos de poder, reforçando estereótipos como "Homem é melhor em Matemática do que mulher" e "Mulher cuida melhor, mas precisa ser cuidada".

Os estudos a seguir revelam que, apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a equidade de gênero nas áreas de Matemática, Física e Engenharias. Eles destacam a necessidade de políticas educacionais e práticas pedagógicas que combatam os estereótipos de gênero e promovam um ambiente de aprendizado inclusivo e acolhedor para todos.

Juliana Boanova Souza (2020) e Maiara Chaves Moura (2015) enfatizam a presença persistente de estereótipos de gênero nessas áreas, que continuam a influenciar negativamente a participação das mulheres. Souza observa que argumentos biológicos ainda são usados para justificar a menor presença feminina, perpetuando a visão de que essas disciplinas são inerentemente masculinas. Moura sugere que a introdução de histórias de mulheres notáveis na Matemática pode ajudar a desconstruir essa visão e promover uma compreensão mais inclusiva da disciplina.

Nessa direção, Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, Maria Carolina da Silva Caldeira e Maria Celeste Reis Fernandes de Souza (2022) revisaram artigos acadêmicos publicados no Brasil entre 2009 e 2019, destacando a importância de ressaltar as diferenças de gênero para contestar a universalidade que sustenta a Matemática e demarca lugares definidos como masculinos e femininos. Elas apontam que a reflexão sobre essas diferenças é crucial para promover uma Educação Matemática mais equitativa e inclusiva.

Para uma análise mais abrangente, é crucial considerar a interseccionalidade ao abordar a presença das mulheres na Matemática. Pesquisas como as de Jeimy Marcela Cortés Suárez



(2020) mostram que o empoderamento das mulheres na Matemática é potencializado quando se leva em conta não apenas o gênero, mas também a raça e a classe social. Ao reconhecer que múltiplas formas de discriminação podem se sobrepor, criando barreiras adicionais para mulheres negras e de baixa renda, desenvolvemos uma compreensão mais completa das dinâmicas de exclusão.

A inclusão de uma perspectiva interseccional nos permite criar estratégias mais eficazes para combater a marginalização e promover uma inclusão verdadeiramente equitativa no campo da Matemática, reconhecendo as diversas realidades e necessidades das mulheres.

### 3 A interseccionalidade

Ao tratarmos de lugares das mulheres na sociedade, entendemos a razão de ser tão significativo adotar a interseccionalidade como categoria de análise em nossos estudos. Ela nos permite compreender as complexas interações entre diferentes formas de opressão e privilégio. Como afirma Maria Lugones (2020), "a interseccionalidade revela que não conseguimos ver como gênero e raça são concebidos separados uns dos outros" (p. 59). Esse conceito nos alerta para o fato de que experiências de vida, identidades e discriminações não podem ser entendidas de forma isolada, mas sim como entrelaçadas e mutuamente influenciadas.

Em Luzia Bairros (2020), a interseccionalidade é abordada em sua multidimensionalidade, reconhecendo que não existe uma identidade única e unificada. Em vez disso, as identidades são múltiplas e interseccionais, influenciadas por diversas dimensões sociais como gênero, raça, classe, sexualidade, entre outras. Essa proposta traz à tona a importância de considerar a diversidade dentro dos próprios movimentos feministas, incorporando os debates de diferentes feminismos que emergem a partir de variadas experiências e contextos históricos.

A perspectiva, portanto, não só enriquece nossos estudos ao proporcionar uma visão mais holística e inclusiva, mas também nos desafia a refletir criticamente sobre nossas próprias posições e práticas dentro do campo acadêmico e dos movimentos sociais. Ao reconhecer a interseccionalidade como uma ferramenta analítica essencial, podemos promover uma compreensão mais profunda e abrangente das dinâmicas sociais e das lutas por justiça e igualdade.

A discussão sobre a coexistência simultânea das opressões teve início no coletivo negro Combahee River Collective (1974), que se destacou na luta contra as opressões racial, sexual, heterossexual e de classe, precedendo o desenvolvimento formal do conceito de interseccionalidade. Em seu manifesto, o coletivo aborda a forma como as mulheres negras são afetadas por múltiplas formas de opressão e como o movimento do feminismo negro emergiu da luta pela sobrevivência dessas mulheres.

Segundo o documento, as mulheres negras experienciavam a opressão sexual desde muito jovens e eram ensinadas a se calarem quando crianças, o que perpetuava sua invisibilidade e seu não-lugar na sociedade. O manifesto destaca que o acesso à educação e a ocupação de empregos valorizados seriam fundamentais para combater as opressões, pois a liberdade da mulher negra representa a liberdade de toda uma sociedade. Para as integrantes do coletivo, o feminismo precisava abordar as necessidades específicas das mulheres negras, que muitas vezes iam além das demandas dos demais movimentos feministas da época. Elas observavam que "muitas mulheres negras têm boa compreensão do sexismo e do racismo, mas devido às constrições cotidianas de suas vidas não podem correr o risco de lutar contra ambos" (Combahee River, 2019 [1974], p. 204).



A abordagem do Combahee River Collective trouxe à tona a necessidade de um feminismo que reconhecesse e abordasse as múltiplas camadas de discriminação enfrentadas pelas mulheres negras, destacando a importância de uma luta inclusiva e abrangente que considerasse todas as dimensões de opressão. Assim, a contribuição do coletivo foi fundamental para a formulação de um feminismo interseccional, que busca a libertação e a justiça para todos os grupos oprimidos.

Com isso, interseccionalidade é descrita por Akotirene (2020) como um “sistema de opressão interligado”, uma perspectiva que nos ajuda a entender como diferentes formas de discriminação e desigualdade estão interconectadas e se influenciam mutuamente, mostrando como surge da necessidade de uma análise mais complexa e abrangente das relações sociais, reconhecendo que a experiência de opressão é multifacetada.

Podemos, a partir daí, reconhecer que as políticas e práticas de igualdade devem abordar simultaneamente múltiplas formas de discriminação. Isso implica que uma abordagem efetiva de justiça social deve considerar a complexidade das identidades e das experiências de cada indivíduo, promovendo uma inclusão genuína e abrangente. Sua compreensão também nos leva a questionar as estruturas de poder e as normas sociais que perpetuam as desigualdades. A visão de Akotirene destaca a importância de uma análise crítica e de ações que enfrentem os sistemas de opressão de maneira interligada, reconhecendo que a luta por justiça não pode ser fragmentada. Somente através dessa abordagem integrada podemos aspirar a uma sociedade verdadeiramente equitativa, onde todas as formas de opressão são simultaneamente reconhecidas e combatidas.

Tratando-se, então, de um "sistema de opressão interligado", oferece uma lente indispensável para entender as complexidades das relações sociais e para desenvolver estratégias de resistência e transformação efetiva. Ela nos desafia a ver além das superfícies e a reconhecer a profundidade e a interconectividade das desigualdades que estruturam nossa sociedade.

Tal conceito é especialmente relevante na questão das mulheres transgêneras, pois suas experiências de vida são moldadas por múltiplas formas de opressão e discriminação que se interseccionam. Para entender plenamente as dificuldades enfrentadas por mulheres transgêneras, é essencial considerar como essas opressões interagem de maneira complexa.

Primeiramente, as mulheres transgêneras enfrentam a discriminação baseada no gênero, assim como as mulheres cisgêneras. No entanto, elas também lidam com a transfobia, que inclui preconceitos, violência e marginalização específica dirigida contra pessoas transgêneras. A interseccionalidade nos ajuda a compreender que a opressão de gênero para mulheres trans é agravada pela transfobia, criando barreiras adicionais na vida social, econômica e política (Nascimento, 2021).

Além disso, a experiência de mulheres transgêneras negras, indígenas ou de outras minorias étnicas é distinta das de mulheres transgêneras brancas devido ao racismo. Elas enfrentam uma combinação de transfobia e racismo que exacerba sua vulnerabilidade (Andrade, 2015). A interseccionalidade revela como essas opressões se sobrepõem, levando a um risco maior de violência, discriminação no emprego e exclusão social.

A classe socioeconômica também desempenha um papel crucial. Muitas mulheres transgêneras enfrentam dificuldades financeiras devido à discriminação no emprego e à falta de oportunidades educacionais (Andrade, 2015; Vergueiro, 2014). O instrumento analítico mostra como a pobreza e a marginalização econômica se entrelaçam com a transfobia e outras formas de opressão, limitando ainda mais as oportunidades e os recursos disponíveis para essas



mulheres.

No campo da saúde, mulheres transgêneras frequentemente enfrentam barreiras significativas no acesso a cuidados adequados (Nascimento, 2021). A análise da interação entre discriminação nos serviços de saúde, falta de recursos econômicos e racismo expõe como esses fatores impactam negativamente a saúde física e mental dessas mulheres. Tais barreiras podem resultar em cuidados inadequados ou inexistentes, agravando ainda mais as disparidades de saúde.

A violência contra essas mulheres é uma questão crítica. A compreensão de como essa violência é multifacetada, envolvendo componentes de transfobia, misoginia e racismo, é auxiliada pela interseccionalidade. Mulheres transgêneras negras, por exemplo, são desproporcionalmente vítimas de homicídios e violência de gênero. Essa violência extrema reflete a intersecção de várias formas de ódio e discriminação.

A falta de representação positiva e visibilidade dessas mulheres na mídia e na política também é uma forma de opressão. A análise interseccional revela como a invisibilidade reforça estereótipos negativos e perpetua a exclusão social. A ausência de vozes trans em espaços de poder e decisão contribui para a continuidade das desigualdades.

A aplicação desse conceito na análise das experiências das mulheres transgêneras revela a necessidade de abordagens holísticas e inclusivas nas políticas e práticas de justiça social. Para promover a verdadeira igualdade, é crucial desenvolver estratégias que reconheçam e combatam simultaneamente as múltiplas formas de discriminação e opressão que essas mulheres enfrentam. Isso inclui a criação de espaços seguros, o aumento do acesso a recursos e serviços, e a promoção da representação justa e equitativa em todos os aspectos da sociedade.

A análise interseccional, frequentemente aplicada em estudos sociais e humanísticos, também pode e deve ser considerada nas ciências exatas. Embora a matemática, a física, a química e outras disciplinas exatas sejam tradicionalmente vistas como campos objetivos e neutros, a interação entre fatores sociais e identitários influencia a prática científica/educacional e a experiência dos indivíduos nesses campos.

Primeiramente, a representação de gênero e raça nas ciências exatas é uma questão de interseccionalidade. Historicamente, esses campos têm sido dominados por homens brancos, o que se reflete tanto na composição dos profissionais quanto no desenvolvimento de teorias e práticas. Mulheres e pessoas de minorias raciais enfrentam barreiras significativas para ingressar e prosperar nesses campos (Luna, 2022). A compreensão de como gênero, raça e outros fatores identitários criam obstáculos únicos e complexos para essas pessoas, desde a educação básica até o ambiente acadêmico e profissional, é facilitada pela interseccionalidade.

Além disso, essa análise pode ser utilizada para examinar como as políticas e práticas dentro das ciências exatas afetam diferentes grupos de maneira desigual. Políticas de contratação, promoção e financiamento frequentemente refletem e perpetuam desigualdades de gênero e raça. Mesmo critérios aparentemente objetivos, como publicações e citações, podem ser influenciados por preconceitos implícitos que desvalorizam o trabalho de mulheres e “minorias”.

A perspectiva interseccional também pode enriquecer a própria prática educacional e científica. O desenvolvimento de tecnologias e soluções científicas que atendem às necessidades de uma população diversificada requer uma compreensão das variadas experiências e desafios enfrentados por diferentes grupos. Por exemplo, na medicina, a pesquisa que considera a interseccionalidade de gênero, raça e classe pode levar a tratamentos mais eficazes e equitativos. Da mesma forma, na engenharia, o design inclusivo que leva em conta



as necessidades de pessoas com diferentes identidades pode resultar em produtos e infraestrutura mais acessíveis e úteis para todos.

No campo educacional, a interseccionalidade pode informar estratégias pedagógicas que tornam o ensino das ciências exatas mais inclusivo. Isso pode envolver a criação de currículos que destacam contribuições diversas, o uso de métodos de ensino que acomodam diferentes estilos de aprendizagem, e a implementação de programas de mentoria e apoio para estudantes de grupos sub-representados.

Tal análise desempenha um papel na criação de uma cultura acadêmica mais inclusiva e equitativa nas ciências exatas. Isso inclui a promoção de políticas contra assédio e discriminação, o apoio à diversidade em conferências e eventos científicos, e a valorização de perspectivas diversas em colaborações de pesquisa. Ou seja, a interseccionalidade desafia a ideia de que esses campos são puramente objetivos e neutros, revelando como as desigualdades sociais influenciam quem participa, como a ciência é praticada e quem se beneficia dos avanços científicos. Ao adotar uma abordagem interseccional, as ciências exatas podem não apenas se tornar mais inclusivas e justas, mas também mais inovadoras e relevantes para uma sociedade diversificada.

A Educação Matemática pode contribuir significativamente para a promoção da interseccionalidade, criando um ambiente de aprendizado onde todos os estudantes revestidos de suas identidades e origens, se sintam valorizados e tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial. Vejamos algumas propostas dadas pelas nossas participantes.

#### 4 Metodologia

Nossa discussão traz narrativas de mulheres plurais, concedidas por meio de entrevista para a elaboração de uma tese desta mesma autora, defendida em 2022. Usamos essa expressão que reconhece e celebra a diversidade de experiências, identidades e trajetórias de vida das mulheres. Ela destaca que não existe uma única maneira de ser mulher, e sim uma multiplicidade de vivências que são moldadas por uma série de fatores, incluindo raça, etnia, classe social, orientação sexual, identidade de gênero, habilidades físicas e mentais, entre outros. Destacamos, então, a importância de ampliar a representação e a visibilidade das diversas vozes femininas na sociedade. Isso significa reconhecer e valorizar as contribuições de mulheres de diferentes origens culturais, étnicas, socioeconômicas e identitárias em todos os aspectos da vida, desde a política e a economia até a cultura e as artes.

Ao falar sobre mulheres plurais, é importante reconhecer que as experiências das mulheres são moldadas por diversas formas de opressão, mas também por formas de resistência e luta por igualdade e justiça. Mulheres de diferentes origens enfrentam desafios únicos, que podem incluir discriminação no local de trabalho, acesso limitado à saúde reprodutiva e enfrentamento da violência de gênero, entre outros.

Nesse sentido, buscamos ampliar a representação na matemática, trazendo as narrativas de duas mulheres que se enquadram nesse perfil. Apresentamos as nossas colaboradoras Lueji<sup>2</sup> – mulher cis/preta – e Luma<sup>3</sup> – mulher branca/trans. Nosso objetivo é não apenas oferecer novas perspectivas na área, mas também inspirar outras mulheres a explorarem seu potencial nesse

<sup>2</sup> O Homenagem à Lueji A’Nkonde, monarca que reinou durante um período próspero do Império Lunda (território que atualmente compreende a República Democrática do Congo, o nordeste de Angola e o noroeste de Zâmbia) entre 1650 e 1670, e que desde 2009 dá nome a uma universidade pública angolana.

<sup>3</sup> Homenagem à primeira mulher travesti a se doutorar em Educação no Brasil, Luma Nogueira de Andrade, que em 2012 defendeu a tese *Travesti na Escola: assujeitamento e/ou resistência à ordem normativa no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará*. Atualmente Luma é professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira (Unilab).



campo muitas vezes dominado por homens.

Nessa direção, escolhemos adotar as narrativas como uma abordagem metodológica, pois elas oferecem experiências diversas e únicas, moldadas pelas vivências individuais de cada pessoa. Esse método respeita as singularidades, processos e escolhas de cada indivíduo (Souza, 2006). Maria da Conceição Passeggi destaca que as narrativas são empregadas para facilitar a conexão entre os eventos vivenciados e relatados, permitindo uma compreensão mais profunda da natureza da narrativa como um "instrumento mental de construção da realidade" e autoconhecimento (2020, p. 60).

As narrativas são oriundas das falas de duas licenciandas em matemática, declaradamente feministas, sobre seus percursos formativo. As histórias compartilhadas pelas colaboradoras, foram examinadas usando os métodos de análise de singularidades e análise de convergências. De acordo com Santos (2021) e Rosa (2013; 2017), a análise de singularidades se concentra nas experiências e lembranças individuais, buscando os discursos pessoais que revelam a posição atual das participantes e suas perspectivas que são importantes para o debate teórico. Por outro lado, na análise de convergências, são identificados pontos comuns ou contrastantes sobre um mesmo tema emergente nas narrativas, sem considerar necessariamente as opiniões das participantes sobre o assunto. A convergência se concentra nos temas de interesse compartilhados, não nas visões individuais sobre esses temas. Essas análises se complementam, já que a análise de singularidades apoia a identificação de temas convergentes, que, por sua vez, geram categorias relevantes para a pesquisa.

Vejamos, então, a análise das suas falas, que evidencia como as narrativas de Lueji e Luma, duas licenciandas em Matemática e feministas, oferecem uma visão multifacetada das suas experiências formativas.

## 5 Narrativas

Primeiramente, é fundamental destacar as identidades e os atravessamentos interseccionais das nossas participantes. Elas navegam por múltiplas vias de opressão, enfrentando desafios que vão além do ambiente acadêmico, como a transfobia e o racismo. Essas experiências complexas e interligadas moldam profundamente suas trajetórias educacionais e de vida, revelando a importância de reconhecer e abordar as interseções de gênero, raça e identidade de gênero nas discussões sobre inclusão e equidade. A vivência dessas opressões múltiplas não apenas afeta seu acesso e participação na educação matemática, mas também demanda uma análise crítica e sensível à diversidade na construção de práticas pedagógicas inclusivas.

*Lueji: Foram etapas que eu fui passando até entender que eu faço parte. Hoje, eu me vejo como feminista negra. Eu tô ali entre o mulherismo e o feminismo negro, já estou mudando as coisas, entendeu? Mudando de temáticas, mas, assim, não esquecendo que a base de tudo foi aquela explosão de entender junto com outras mulheres numa sociedade machista, misógina, racista e pensamos em como combater isso (LUEJI, entrevista concedida em 2021).*

Lueji descreve sua jornada de autoconhecimento e empoderamento, passando por várias etapas até se identificar como feminista negra. Também menciona estar entre o mulherismo e o feminismo negro, indicando uma reflexão crítica sobre sua posição e sua contribuição para mudanças sociais. Ela ressalta a importância de reconhecer e combater estruturas opressivas como o machismo, a misoginia e o racismo, que moldaram sua compreensão e seu engajamento



político. Sua fala ilustra como a experiência pessoal se entrelaça com uma análise mais ampla das dinâmicas sociais, visando transformações significativas na sociedade.

Suas reflexões ecoam estudos como os de Suzanne Damarin (2008), que argumentam que os estudos feministas são essenciais para situar a presença das mulheres em diversos campos acadêmicos. Damarin enfatiza a necessidade de uma análise crítica dos estereótipos de gênero e raça que continuam a moldar percepções e limitar oportunidades para as mulheres (Damarin, 2008).

Além disso, a interseccionalidade, conceito abordado por Luzia Bairros (2020) e Akotirene (2020), destaca a importância de compreender como diferentes formas de discriminação se entrelaçam e se reforçam mutuamente. Esta perspectiva é crucial para entender a experiência de Lueji como feminista negra, pois mostra como as suas lutas contra o machismo, o racismo e outros sistemas de opressão são interconectadas (Bairros, 2020; Akotirene, 2020).

*Luma: Desde muito jovem eu me identifiquei como uma pessoa diferente, não estava dentro dos padrões, porém eu buscava estar dentro desses padrões. Tentava buscar esses espaços, né, até que um determinado momento eu compreendi que era uma pessoa trans. Hoje eu não uso esse termo, eu uso travesti, mas é mais uma forma política e afirmação. Eu sou uma travesti branca, acadêmica e muitas vezes né, quando você usa o termo travesti você imagina uma perspectiva uma mulher trans negra que se prostitui para sobreviver e tem muito disso tá... (LUMA, entrevista concedida em 2021, destaque nosso).*

Luma aborda sua trajetória pessoal de descoberta e afirmação como travesti branca. Ela relata sua jornada de autoaceitação, inicialmente buscando se encaixar em padrões preestabelecidos até compreender sua identidade como travesti. Luma destaca a escolha consciente de se identificar como travesti em vez de mulher trans, enfatizando uma posição política e de resistência. Ela também discute estereótipos associados às travestis, confrontando percepções limitadas e estigmatizantes dentro e fora da comunidade LGBTQIA+. Sua narrativa sublinha a diversidade de experiências dentro da identidade de travesti, desafiando estereótipos e reivindicando sua própria visibilidade e voz.

Sua jornada reflete discussões profundas sobre a interseccionalidade, conforme apresentadas por Jeimy Marcela Cortés Suárez (2020), que demonstra como múltiplas formas de discriminação, como raça, gênero e classe, intersectam-se para moldar as experiências individuais, especialmente as de pessoas transgêneras (Suárez, 2020). Suas análises destacam como essas interseções criam desafios únicos e complexos, influenciando não apenas a identidade, mas também o acesso a recursos e oportunidades para indivíduos que enfrentam múltiplas formas de marginalização.

Além disso, as reflexões de Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, Maria Carolina da Silva Caldeira e Maria Celeste Reis Fernandes de Souza (2022) sobre a importância de reconhecer e contestar estereótipos de gênero no ensino e na prática matemática também ecoam com as experiências de Luma (Fonseca et al., 2022). Esses estudos ressaltam como os estereótipos de gênero podem limitar as oportunidades de pessoas que desafiam as normas de gênero estabelecidas, como Luma, que se identifica como travesti. A crítica aos estereótipos não apenas ilumina as barreiras enfrentadas por esses indivíduos, mas também destaca a necessidade urgente de políticas e práticas educacionais mais inclusivas e sensíveis à diversidade de gênero.



Ambas as falas exemplificam a interseccionalidade, que considera como múltiplas formas de opressão se entrelaçam e moldam as experiências individuais. Lueji e Luma articulam suas identidades não apenas como características pessoais, mas como posicionamentos políticos dentro de estruturas sociais hierárquicas. Elas destacam a importância de reconhecer as complexidades de suas identidades e lutas, navegando entre pertencimentos culturais e resistência política.

Além disso, suas narrativas ressaltam a necessidade de ampliar o entendimento sobre diversidade e inclusão, desafiando normas dominantes e estereótipos prejudiciais. Ambas as vozes contribuem para um diálogo mais inclusivo e empoderado sobre as experiências de mulheres negras feministas e travestis dentro de um contexto social marcado por desigualdades estruturais, dentre eles, o conhecimento matemático.

Partimos, então, para uma abordagem sobre a interseccionalidade como ferramenta de transformação no ensino da matemática

*Lueji: 'Moeda de troca' foi assim que eu entendi que seria aceita ali dentro daquele espaço onde eu estava inserida. Era isso ou ficar depressiva nos 10, 12 anos... fiquei depressiva depois que entrei na faculdade (...).*

*Eu era explorada porque eu não queria sofrer racismo (...). Agora, imagina se eu fosse uma menina preta e LGBT, gorda... o pacote, o combo, será que eu sobreviveria? Será que me colocaria, ou ainda, se eu poderia estar naquele espaço? Será que me daria - olha como estou usando - a oportunidade ....olha só... a oportunidade de ser moeda de troca? Isso é muito complicado, isso tem uns atravessamentos muito complexos. Eu confesso que eu acho que não me colocariam em um lugar assim...não tem como..." como é que ela faz isso?' entendeu? É bem ruim (LUEJI, entrevista concedida em 2021, destaque nosso).*

Também é necessário refletirmos sobre o significado de "ser boa em matemática". Essa titulação está frequentemente associada à inteligência em diversas culturas e é um tema comum em pesquisas sobre estereótipos relacionados à genialidade e ao heroísmo. Esses estereótipos são moldados pela cultura na qual as pessoas vivem e contribuem para a criação de papéis específicos na matemática (Mendick, 2005).

Na narrativa de Lueji, suas habilidades em matemática a destacaram como uma pessoa inteligente e competente durante a época escolar, conferindo-lhe importância na sala de aula. No entanto, esse destaque trouxe um lado negativo, pois seus colegas a utilizavam para obter benefícios nas avaliações. Lueji era a única aluna negra em uma escola particular, católica, de classe média, onde estudava como bolsista.

*Eu lembro de alguns colegas (...) eu lembro que na escola era vista como uma pessoa que é boa em matemática e consequentemente inteligente, não que as coisas tenham uma a ver com a outra, mas é que as pessoas entendem porque você sabe matemática e tiram proveito porque você é inteligente. Eu era usada dentro da sala de aula e aí eu já não sei se isso tem a ver com o fato de ser mulher ou com fato de eu ser mulher negra ou com os dois..., mas usada no sentido de as pessoas acharem que eu podia fazer tudo por elas e que eu ia salvá-las numa prova, num trabalho ou teste (LUEJI, entrevista concedida em 2021, destaque nosso).*

Lueji percebe que sua habilidade em matemática lhe conferiu um certo status e poder na sala de aula, destacando-a como uma "pessoa inteligente" (Walkerline, 2005). Contudo, ela



expressa um desconforto com a ideia de "ser útil", pois sentia que os colegas tiravam proveito de sua inteligência. Isso levanta a questão de se o status que ela experimentava era, na verdade, ilusório. A percepção de Lueji sugere que o reconhecimento acadêmico pode ser uma faca de dois gumes, proporcionando uma aparência de valorização enquanto, simultaneamente, perpetua a exploração e o aproveitamento. Esse dilema destaca a necessidade de repensar como a inteligência e a competência matemática são valorizadas e utilizadas dentro da dinâmica escolar, e como essas questões impactam a autoimagem e a experiência dos alunos em um ambiente educacional. Luma sempre teve uma afinidade com a matemática e destaca como utilizou seus conhecimentos para obter vantagens pessoais.

*Luma: Na escola, eu vendi muitos trabalhos, vendia mesmo... era bem capitalista. Quando precisavam, eles vinham falar comigo (risos). Tenho uma lembrança que fui pega dando pesca para os colegas de uma turma, desde então, não fazia mais prova de matemática junto com a turma, fazia é separado. Era a mesma prova, porém separados, porque eu te falo tá, eu vendia trabalhos escolares e quando eles pediam ajuda, não tinha bullying...tal....não tinha isso não (LUMA, entrevista concedida em 2021, destaque nosso).*

Seu talento em matemática lhe conferia poder, protegendo-a dos colegas que frequentemente solicitavam sua ajuda. Contudo, esse fato não a eximiu dos bullyings que sofreu no decorrer do período. Este uso estratégico da matemática como um escudo contra-ataques é discutido por Hygor Batista Guse e Agnaldo da Conceição Esquincalha (2022), que destacam como, para docentes LGBTQIA+ em suas experiências escolares, a competência matemática podia ser um meio de defesa, embora muitos ainda sofressem ataques discriminatórios por não possuírem tal habilidade.

Gênero e raça são elementos sociais que permeiam as experiências de Luma e Lueji, manifestando-se em ações, comportamentos e práticas que frequentemente resultam em violência de bullying na escola, contribuindo para um cenário de exclusão social (Nascimento, 2021). Ambas encontraram na matemática uma forma de defesa: enquanto Lueji utilizava seus conhecimentos para mitigar o bullying, para Luma isso representava uma oportunidade de obter benefícios financeiros e materiais. Este contexto não se limita à subordinação; pelo contrário, implica em estratégias de resistência e performatividade linguística, permitindo a Luma gerar renda vendendo trabalhos acadêmicos, uma necessidade crucial em sua realidade de dificuldades financeiras familiares.

Explorar a matemática no contexto interseccional envolve reconhecer e integrar as diversas identidades e experiências dos estudantes dentro do currículo matemático é um tema relevante a ser refletido. Nesta fase, exploramos as abordagens de ensino de Luma e Lueji voltadas para a inclusão das mulheres na área da matemática. Observamos preferências relacionadas a História da Matemática e Resolução de Problemas. Isso nos levou a concluir que o desconhecimento sobre a presença das mulheres na História da Matemática é tão significativo que a inclusão delas se torna um resgate importante no conteúdo. De fato, essa abordagem fez uma diferença relevante na perspectiva e no entendimento de Luma e Lueji sobre o tema.

*Lueji: Consigo fazer interseções com mulheres e ensino da matemática. Eu posso fazer links com o mulherismo africano, porque está mais para uma a questão filosófica do que outra coisa. Por exemplo, a gente foi estudar...não lembro se foi semelhança de triângulos e Teorema de Tales... aí gente, não lembro... tem a maior questão de herança histórica africana com relação a isso que é o Egito né, com a África, não só isso, mas de reconhecer os saberes*



*matemáticos que também são legítimos nascidos e desenvolvidos de alguma forma no continente africano. Entender que a mulher também é importante nesse processo de trazer esses saberes à tona agora, hoje em dia, que também foi importante no processo de desenvolvimento desses saberes... é só um apanhado de coisas porque, na verdade, na minha cabeça uma coisa linka com a outra. (...) entender com qual foi o papel das mulheres pretas dentro da Matemática ao longo da história é uma das coisas que eu tento trazer e que eu sempre coloco ali como um pitaco para poder trazer para a sala de aula, não somente no estágio, mas, enfim, trazer para os lugares (LUEJI, entrevista concedida em 2021, destaque nosso).*

Lueji conecta aspectos da identidade feminina, racial e cultural com o ensino da matemática. Ela enfatiza que essas conexões não são apenas acadêmicas, mas fundamentais para promover uma educação inclusiva e que reflita a realidade plural da sociedade. A licencianda vê o mulherismo <sup>4</sup>africano não apenas como uma identidade declarada, mas como uma forma de vida que influencia na prática de uma futura educadora como ela. Ela enfatiza que pode atuar como uma pessoa feminista negra ou mulherista africana dentro do ambiente educacional, promovendo inclusão e reconhecimento dos saberes históricos e filosóficos africanos no ensino da matemática.

Sua abordagem não apenas enriquece o conteúdo acadêmico com aspectos históricos e filosóficos, mas também promove uma reflexão crítica sobre representatividade e inclusão na educação. Ao integrar o mulherismo africano e o feminismo negro ao ensino da matemática, ela oferece aos alunos uma perspectiva ampliada sobre a disciplina, reconhecendo e celebrando as contribuições das mulheres pretas ao longo da história. Essa abordagem não se limita ao estágio educacional, mas visa transformar os espaços de aprendizado em ambientes inclusivos e reflexivos sobre diversidade e justiça social.

*Luma: Quando você vai usar lá um problema matemático lá... que a Maria trabalha como Engenheira e coloca o João como costureiro... você de alguma forma tá ensinando para aqueles estudantes algo que não muito comum ...uma engenheira e um homem costureiro... a não ser que seja um homem gay e se você consegue pontuar isso ainda seria muito mais interessante né. Bem que existe essa questão da escola sem partido que tenta de toda forma colocar todas essas suas ideologias nem qualquer coisa que você tente relacionar, acaba que eles confundem e criticam essa questão, mas eu acho que é muito tranquilo, é muito importante essa questão de gênero e matemática. A gente consegue fazer isso muito tranquilamente, basta a gente querer. Como eu disse, é muito difícil essa questão de pessoas ideológicas, que eles dizem que existe, mas na verdade é uma ideologia que eles querem impor (LUMA, entrevista concedida em 2021, destaque nosso).*

A fala de Luma aborda a importância de introduzir representações não tradicionais de gênero em exemplos de problemas matemáticos dentro da sala de aula, desafiando estereótipos e promovendo inclusão. Ela destaca que ao apresentar uma mulher como engenheira e um homem como costureiro, ou mesmo um homem gay como costureiro, os estudantes são expostos a realidades menos convencionais, o que pode ampliar suas perspectivas sobre gênero

<sup>4</sup> Akotirene expõe que o mulherismo se contrapõe ao rótulo "feminista" e ao femismo negro, por ver este último como "uma reatualização intelectual do feminismo branco" (2020, p. 96). Lueji referencia que Aza Njeri. Njeri, Kwame Ankh e Kulwa Mene (2020) observam que, embora o feminismo negro brasileiro enfrente o sexismo para romper com o racismo, reavaliando as condições das mulheres negras dentro do próprio movimento negro, a inserção dessas mulheres em espaços como a universidade desafia a branquitude. No entanto, empoderar mulheres negras vai além desses espaços, envolvendo a valorização do quilombo familiar e a articulação de um conhecimento afrocêntrico em oposição ao eurocêntrico.



e profissões.

Luma menciona a controvérsia em torno da Escola sem Partido, destacando que tentativas de restringir certas abordagens educacionais, como questões de gênero, podem limitar a discussão e a aprendizagem dos estudantes. Ela defende que é possível e importante abordar questões de gênero na matemática sem impor uma ideologia, mas sim enriquecendo o debate educacional. Nossa participante destaca um compromisso com a educação inclusiva e diversificada, onde a representação de gênero na matemática não é apenas aceitável, mas essencial para preparar os alunos para um mundo complexo e plural. Ao desafiar críticas ideológicas e promover uma abordagem aberta e inclusiva, ela pode encorajar educadores a explorarem novas formas de ensino que refletem e celebram a diversidade humana.

A partir do ponto de vista de ambas, refletimos sobre a maneira tradicional de ensinar Matemática, que muitas vezes se perpetua uma visão eurocêntrica e hegemônica. A reflexão sobre os corpos que transformam o ensino e a aprendizagem da matemática sugere que a diversidade de experiências e identidades pode enriquecer a prática pedagógica, desafiando a noção de uma matemática "isentona" e neutra.

Giraldo e Fernandes (2019) criticam a maneira como o ensino da matemática valoriza um conhecimento científico considerado superior, deixando de lado outras formas de saber. Essa crítica é importante porque destaca a necessidade de mudar o currículo para incluir e valorizar conhecimentos matemáticos alternativos. Fazendo isso, podemos criar uma Educação Matemática mais inclusiva e justa, que reflita a diversidade cultural e social dos alunos.

As licenciandas refletem sobre o significado de ser "boa em matemática". Luma e Lueji enfrentaram opressões escolares e usaram a matemática como ferramenta de defesa e aceitação. Notamos que Luma conseguiu aproveitar essa situação, revelando como a matemática pode ser um instrumento de poder e proteção. Isso nos leva a questionar se, como professores de Matemática, estamos considerando essas questões. Reduzir a matemática a números e fórmulas limita seu potencial; é crucial que os docentes adotem uma postura sensível e inclusiva para oferecer aos alunos um espaço significativo no aprendizado.

Assim, a matemática nas salas de aula pode e deve ser transformada, reconhecendo a influência dos corpos e das identidades no processo de ensino e aprendizagem. Isso significa adotar abordagens pedagógicas que desafiem as normas estabelecidas e que incorporem diversas formas de saber, promovendo uma educação mais justa e relevante para todos os estudantes.

## Conclusão

A análise da interseccionalidade aplicada à Educação Matemática, como ilustrado pelas experiências de Lueji e Luma, revela a necessidade urgente de reavaliar o currículo e as práticas pedagógicas. Suas histórias destacam como diferentes formas de opressão, como transfobia e racismo, se entrelaçam e afetam profundamente suas jornadas de aprendizagem e empoderamento.

Os relatos das participantes destacaram uma realidade preocupante: em muitos casos, é a própria pessoa oprimida que assume o papel de agente de mudança na Educação Matemática. Essas mulheres, que enfrentam diariamente as barreiras impostas por um sistema educacional excludente, são frequentemente as responsáveis por impulsionar a inclusão e promover debates sobre diversidade dentro desse campo. Sem o movimento iniciado por essas vozes, a reflexão sobre a necessidade de políticas públicas inclusivas e a reformulação curricular raramente ganha espaço nas discussões institucionais. Isso evidencia uma lacuna crítica: a falta de iniciativas proativas por parte das instituições para combater as opressões de maneira sistemática e



estrutural. É a vivência e a resistência das pessoas oprimidas que forçam a sociedade a confrontar essas questões, sublinhando a urgência de intervenções políticas e educacionais que verdadeiramente promovam a equidade e a justiça social.

Ao refletir sobre suas identidades e lutas, Lueji e Luma ilustram como o reconhecimento e a inclusão de múltiplas perspectivas podem enriquecer o ensino da matemática. Incorporar histórias e contribuições de mulheres negras e travestis, por exemplo, não apenas diversifica o conteúdo, mas também desafia estereótipos e normas tradicionais. Esta abordagem promove um ambiente educacional mais inclusivo e reflexivo, onde todos os alunos podem ver suas experiências e identidades representadas e valorizadas.

Portanto, a matemática nas salas de aula pode e deve ser transformada, reconhecendo a influência dos corpos e das identidades no processo de ensino e aprendizagem. Isso significa adotar abordagens pedagógicas que desafiem as normas estabelecidas e que incorporem diversas formas de saber, promovendo uma educação mais justa, relevante e representativa para todos os estudantes. Ao fazer isso, podemos não apenas enriquecer o conteúdo acadêmico, mas também promover uma reflexão crítica sobre representatividade e inclusão na educação, preparando os alunos para um mundo complexo e plural.

## Referências

- Akotirene, C. (2020). *Interseccionalidade. Feminismos Plurais*. (1 ed.). São Paulo: Jandaíra.
- Andrade, L. N. de. (2015). *Travestis na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. (1. ed.). Rio de Janeiro: Metanoia.
- Pires, C. M. C. (2000). *Currículo de Matemática: da organização linear à ideia de rede* (v. 2, 4. ed.). São Paulo, SP: FTD
- Bairros, L. (2020). Nossos feminismos revisitados. In: H. B. de Holanda (Org.). *Pensamento femista hoje: Perspectivas decoloniais*. (3. ed., p. 207-214). Rio de Janeiro: Bazar Tempo.
- Boucard, J. & lémonon, I. (2018). Women in Mathematics: Historical and Modern Perspectives: réflexions sur les femmes en mathématiques. *Réflexions sur les femmes en mathématiques*, fflhal-02049374f, páginas 1-22.
- Combahee river, Coletivo. (2019). Tradução: Manifesto do Coletivo Combahee River. Plural – *Revista de Ciências Sociais*, v. 26, n. 1, p. 197-207.
- Damarin, S. (2008). Toward Thinking Feminism and Mathematics Together. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 34, n. 1, p. 101-123.
- Fonseca, M. C. F. R.; caldeira, M. C. S.; Souza, M. C. R. F. de (2022). Gênero e Matemática: cadeias discursivas e produção da diferença nos artigos acadêmicos publicados no Brasil entre 2009 e 2019. *Bolema*, v. 36, n. 72, p. 19-46.
- Giraldo, V. & fernandes, F. S. (2019). Caravelas à vista: Giros Decoloniais e Caminhos de Resistência na Formação de Professoras e Professores que Ensinam Matemática. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*, v. 12, n. 30, p. 467-501.
- Guse, H. B. & Esquincalha, A. (2022) A Matemática como um Instrumento de Poder e Proteção nas Memórias Escolares de Professoras e Professores LGBTI+ de Matemática. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 15, n. 38, p. 1-21.
- LugoneS, M. (2020). Colonialidade e gênero. In: H. B. de Holanda (Org.). *Pensamento*



- feminista hoje: Perspectivas decoloniais*. (3. ed. p. 53-83). Rio de Janeiro: Bazar Tempo.
- Luna, J. (2022). *Dos apagamentos históricos aos feminismos plurais: Narrativas de licenciandas em matemática sobre seus percursos formativos*. 168 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa De Pós-Graduação Em Ensino de Matemática, Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Moura, M. C. (2015). *A participação da mulher na construção da Matemática*. 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática) - Curso de Mestrado Profissional em Matemática Rede Nacional, Departamento de Ciências Exatas e Naturais, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró.
- Nascimento, L.(2021) *Transfeminismo. Coleção Feminismos Plurais*. São Paulo: Jandaia.
- Passeggi, M. C. (2020) Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. *Revista Paradigma*. Ribeirão Preto, v. XLI, p. 57-79.
- Rosa, F. M. C. (2017). *Histórias de vida de alunos com deficiência visual e de suas mães: um estudo em Educação Matemática inclusiva*. 259f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro.
- Rosa, F. M. C. (2013). *Professores de matemática e a educação inclusiva: análises de memoriais de formação*. 283 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro.
- Rosenthal, R. (2018). *Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática*. 106f. Dissertação (Mestrado Interunidades em Ensino de Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Santos, R. G. C. dos. (2021). *Narrativas sobre o percurso formativo de autistas licenciandos em matemática*. 182f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática). Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Souza, E. C. de. (2006). *Pesquisa Narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas*. In: E. C. de SOUZA & M. H. M. BARRETO (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre/Salvador: Edipucrs.
- Souza, J. B. (2020). *A invisibilidade do gênero nas discussões das mulheres professoras de Matemática*. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Souza, M. C. R. F. de & FONSECA, M. da C. F. R. (2008). *Mulheres, homens e matemática: uma leitura a partir dos dados do indicador nacional de alfabetismo funcional*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 511-526.
- Suárez, J. M. C. (2020). *Denúncias e anunciações sobre camadas de vulnerabilidade social e Educação Matemática junto a um grupo de mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia*. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Rio Claro, SP.
- Vergueiro, V. (2014). *Interloquções teóricas do pensamento transfeminista*. In: Jesus, J. G. de (Org.). *Transfeminismos: Teorias e Práticas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. p. 19-41.



Unesco. (2018). *Decifrar o Código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)*. Brasília, DF.

Walkerdine, V.(2005). *Counting Girls Out*. Bristol: Falmer; Taylor & Francis Inc.